

3.4. Creche: Plano de observação e observação direta

O Plano de observação e o protocolo de observação naturalista apresentados referem-se à Sala Amarela - Berçário - e não na Sala Azul. Justifica-se este facto com a chegada de uma nova educadora à sala. Uma vez que a sala se encontrava em fase de adaptação e transição, e mediante as indicações da Professora Ana Berta Alves, os elementos que se encontravam nesse contexto - Ana Beatriz Ramos e Sónia Lopes - não realizaram esta fase da observação.

3.4.1. Plano de observação naturalista

Plano de Observação	
Observador(es): Grupo de trabalho	
Local: Sala Amarela (Berçário) do equipamento Arte de Crescer	
Data: 18/11/2022	Período temporal: 09h30 até às 09h32 (2 minutos)
Objeto de observação:	
Interação entre a Dra. Carolina (Educadora do Berçário) e um bebé da Sala Amarela	
Sistema de registo dos dados: Registo Descritivo	
Grau de envolvimento com o objeto de observação (atitude do observador/ processo/campo):	
Observadores participantes passivos, Hetero-observação (Observação Direta), observação naturalista e Verbal e gestual, grupal e molar	
Previsão de dificuldades: Prevê-se que no período destinado à observação – 2 minutos – o adulto não esteja em interação apenas com uma criança. Reatividade.	
Observações:	

Tabela 6 - Plano de Observação

3.4.2. Protocolo de observação naturalista

Observadores: Grupo de trabalho	Data: 18/11/2022	
Local: Sala Amarela (Berçário) do equipamento Arte de Crescer	Início: 09h30	Fim: 09h32
Descritivo da situação	Inferências/Comentários	
Na Sala Amarela (Berçário), a Educadora Carolina embalava um bebé, e cantava “dou saltos para a frente, dou saltos para trás. Não é? E a do caracol como é? Já pode sair à rua, que já não está a chover! O caracol estava a chorar, não tinha sol para brincar. Estava a chover, não pode sair. Foi para casa e pôs-se a dormir. Outro bebé dirige-se para as pernas da Educadora Carolina, levantando-se e apoiando-se nos seus joelhos. A Educadora Carolina continua a cantar, estabelecendo contacto visual com o bebé apoiado nos seus joelhos – “Ao outro dia, ao acordar...E depois? Já pôde ir brincar o senhor caracol. Palminhas!”. A Educadora Carolina bate palmas e dois bebés também o fazem. A criança continua apoiada nos seus joelhos e a Dra. Carolina continua a embalar o bebé na espreguiçadeira, enquanto brinca com os restantes bebés que a cercam. A Auxiliar Paula interveio, dizendo “Precisas de ajuda?”, ao que a Dra. Carolina respondeu “Ainda tenho duas pernas e dois braços!” A Dra. Carolina olha para um dos bebés e diz “Cenourinha! Hoje faz 6 meses!” e começa a cantar “Parabéns a você...”	A criança é embalada pela Educadora Carolina que está a cantar. A criança está sentada numa espreguiçadeira e foi colocado junto dela um pertence – fralda de pano, que pareceu ajudar a que esta se acalmasse. A educadora mantém-se por perto até que a criança acabe por se acalmar e adormecer. A presença da educadora parece ajudar a que as crianças se acalmem ao mesmo tempo que a procuram para receber colo/conforto. Ao mesmo tempo que embala a criança na espreguiçadeira pega noutra criança ao colo e tenta acalmar ambos. A Educadora Carolina teve em conta a necessidade de restabelecer o sono da criança que é embalada, assim como da criança que mostrou necessidade de contacto direto e que se mantém no seu colo. Há outra criança que está sentada na manta e explora os brinquedos que se encontram ao seu alcance; há ainda outra criança que se movimenta pelo espaço da sala. As restantes crianças na sala continuam o seu momento de brincadeira/exploração e mantêm-se atentas às canções que a educadora vai cantando e à sua voz. Parece-nos que havendo uma criança com necessidade de ser embalada pela educadora chama à atenção da outra criança que a procura momentos depois para que seja pegada ao colo.	

Tabela 7 - Protocolo de Observação Naturalista

3.4.3. Apresentação de um incidente crítico

Recolha de incidente crítico

Incidente crítico:

Enquanto brincava no parque exterior, uma das crianças, R., foi empurrada por outra criança, desequilibrando-se e caindo. Já no chão, começou a chorar e a esticar os braços ao adulto para que lhe fosse dado colo. Peguei-lhe ao colo e procurei tranquilizá-lo, sem sucesso. R. estava com a cara ruborizada, os olhos fechados de forma pressionada e a boca aberta, mas não emitia nenhum som.

A auxiliar Rita, apercebendo-se da situação, referiu “Não te assustes. Ele vai ‘apagar’. Segura-lhe a cabeça”. Nesse momento, a criança perdeu a consciência. A auxiliar aproximou-se de mim e da criança e referiu “Já aconteceu mais vezes. Já volta a ele. A mãe disse-nos só para lhe segurarmos a cabeça”. Volvidos alguns segundos, a criança recuperou os sentidos e retomou a brincadeira.

Inferências:

R. foi empurrado por uma criança com quem brincava e parece-nos que ao não conseguir controlar a frustração, “bloqueou” o choro e perdeu os sentidos. Parece-nos que a postura da auxiliar Rita foi facilitadora de que este incidente crítico tenha sido experienciado de forma mais serena e menos alarmante para nós. Contudo, entendemos que seria importante que esta informação nos tivesse sido transmitida e contextualizada inicialmente. Parece-nos que, caso a auxiliar estivesse ausente, quando tudo aconteceu, ter-nos-ia sido mais difícil compreender e responder de forma adequada e útil ao sucedido (quer ao nível da nossa gestão emocional, quer em termos dos procedimentos a adotar).

Tabela 8 - Apresentação de um incidente crítico

3.4.4. Reflexão crítica tendo como referência a análise dos dados obtidos a partir dos procedimentos de observação

Ao observar a Dra. Carolina, Educadora do Berçário, quando a sua presença na Sala Amarela não é efetiva, leva-nos a concluir a importância do papel e da presença de um Educador de Infância em sala, mesmo que, no contexto de berçário, tal não seja obrigatório). A Dra. Carolina orientou o tempo de grupo, ao cantar para os bebés, ao mesmo tempo que respeitava as necessidades individuais dos mesmos (embalando um bebé, enquanto pegava outro ao colo). Também a expressão que utilizou - *Ainda tenho duas pernas e dois braços* - nos leva a inferir que valoriza esse momento em que o grupo se mantém focado numa mesma atividade e disponibilidade para equilibrar os diversos momentos. Parece-nos também que o momento criado revela a importância da atenção dirigida à criança, já que estas foram participativas, batendo palmas ou balançando o corpo enquanto a Dra. Carolina cantava. Para além disso, reforça a importância de conhecer as crianças, de interagir com elas, de observá-las e de, na relação com o espaço, com os adultos e com os pares.

No que concerne à utilização da expressão “cenourinha”, proferida pela Dra. Carolina, ao dirigir-se a um bebé ruivo, ainda que entendemos sem conotação negativa, parece-nos ser merecedora de atenção, na medida em que constituiu um rótulo.

Por fim, pareceu-nos que a Dra. Carolina demonstrou sinais de desconforto quando a confrontámos com a necessidade da realização da observação, querendo obter mais informações sobre o conteúdo da tarefa. Após a conclusão da observação, perguntou-nos “Tive 20?”, o que nos leva a concluir que ter-se-á sentido avaliada, mais do que observada.

Assim, conclui-se que as funções de Educador de Infância e de Auxiliar/Assistente Operacional são complexas e não remetem apenas para os cuidados primários das crianças, mas também para a promoção de competências.

Do ponto de vista do plano de observação, percebemos que ter a possibilidade de planejar a observação permitiu antecipar dificuldade e recolher informação imprescindível sobre a criança e sobre as interações.

No que concerne ao registo do incidente crítico, relativo ao desmaio de uma criança da Sala Azul - mais uma vez se ressalta a pertinência de conhecer a criança, bem como as suas necessidades, de forma a conseguir dar uma resposta adequada. Este incidente crítico também nos desperta, novamente, para a noção de responsabilidade inerente às funções de Educador de Infância e de Auxiliar/Assistente Operacional, uma vez que estas crianças lhes são confiadas a

maior parte do dia, quase todos os dias, dependendo estas da sua ação e cuidados (ainda que o grau de autonomia em creche seja variável).

Parece-nos que este incidente crítico também deixa patente a necessidade de afixar os procedimentos de segurança em local visível - bem como os contactos telefónicos dos pais -, a necessidade de formação ligada a procedimentos de higiene e segurança, bem como a importância de manter um contacto efetivo e frequente com os pais.

3.5. Creche: Organizar e equipar um ambiente físico para crianças até aos 3 anos

I-A. O ambiente é seguro e saudável para os bebés e crianças mais pequenas.

1. Nenhum odor desagradável
2. Perigos fora do alcance das crianças
3. As superfícies acessíveis às crianças estão limpas e em boas condições
4. Água quente acessível aos adultos
5. Temperatura adequada
6. Luz natural e suave a partir de janelas e lâmpadas com quebra de luz
7. As áreas de cuidados corporais e de preparação de alimentos encontram-se separadas, tendo cada uma a sua própria banca
8. Os produtos para a lavagem das mãos estão ao alcance dos adultos e das crianças mais velhas. Normas de higiene encontram-se afixadas em local visível.
9. Existência de materiais e procedimentos de primeiros socorros
10. Existe um boletim informativo sobre o estado de saúde de cada criança
11. As condições e procedimentos relativos aos cuidados corporais obedecem a normas sanitárias e encontram-se bem organizados
12. Boas condições de higiene na roupa de cama e no local de dormir
13. Condições e procedimentos higiénicos na preparação de alimentos e na lavagem da louça.
14. Os números de contacto e os procedimentos em caso de emergência estão afixados em local visível

I – B. O ambiente acomoda adequadamente os bebés, crianças pequenas e adultos

1. Não existe mobiliário adaptado ao tamanho do adulto
2. Existem alguns arrumos adaptados à estatura dos adultos
3. Existe espaço para todas as crianças se envolverem em atividades no solo
4. Existe equipamento e mobiliário adaptado à altura de bebés e crianças pequenas em toda a sala

I-C. O equipamento existente na sala de creche encontra-se distribuído por áreas: sono, preparação e toma de refeições, cuidados corporais e jogo

1. Existem berços e camas pequenas/esteiras acessíveis quando necessário

2. Existem mesas e cadeiras adequadas ao tamanho das crianças para a toma das refeições, apenas para algumas crianças
3. Existe um local próprio para preparar os biberões, alimentos e para a sua arrumação
4. Existe um local calmo e confortável para algumas crianças tomarem as refeições
5. Existe uma cadeira confortável para amamentar ou dar o biberão
6. Existe algum espaço para o jogo
7. Existe uma área específica, adequada e acessível a todas as crianças para os cuidados corporais
8. Existe espaço para alguns dos seguintes tipos de jogo: areia e água, livros, expressão plástica, blocos, casa, e com pequenos brinquedos

I-D. O espaço de jogo exterior é seguro e de fácil acesso.

1. A área exterior de jogo é de fácil acesso a partir do espaço interior de cuidados e de jogo
2. A área exterior de jogo é fechada, sendo usada apenas pelos bebés e crianças mais pequenas, e protegida visualmente do tráfego
3. Existem algumas superfícies de amortecimento do impacto/choque
4. Existem árvores, arbustos, alpendres e/ou toldos que proporcionam sombra adequada

I-E. Os materiais para exploração sensorial e jogo estão acessíveis aos bebés e às crianças pequenas.

1. Alguns dos materiais utilizados pelas crianças para ver, ouvir, cheirar, levar à boca, explorar e brincar são feitos de madeira, metal, pedra, fibra, papel ou outros materiais naturais
2. Os materiais para exploração e jogo são seguros e estão disponíveis para as crianças explorarem e brincarem ao longo de todo o dia
3. Estão disponíveis muitos livros para as crianças explorarem, olharem e brincarem ao longo de todo o dia
4. Em contextos para as crianças de 1 a 3 anos - Por vezes, estão disponíveis para as crianças materiais para o jogo com areia e água, exploração artística ou jogo com blocos

I-F. Existe espaço e materiais para a área do movimento.

1. Existe espaço para todas as crianças rolarem, sentarem, gatinharem, andarem, balouçarem, treparem, saltarem e correrem
2. As crianças que não estão a dormir nunca se encontram confinadas a pequenos espaços de jogo, cadeiras para crianças (exceto, talvez, no momento das refeições) ou berços
3. As crianças têm acesso a um conjunto de degraus ou equipamento para trepar durante alguns momentos do dia
4. Em contextos para as crianças de 1 a 3 anos - Existem muitos materiais para realizar qualquer uma das seguintes ações: saltar de, introduzir-se em, puxar e empurrar, balouçar-se, montar; bolas

I-G. Estão acessíveis às crianças objetos familiares, bem como materiais e superfícies macias.

1. Os objetos pessoais das crianças estão por vezes acessíveis
2. Não existem materiais ou superfícies suaves onde as crianças se possam aconchegar

I-H. Estão expostas fotografias e produções das crianças

1. Não existem fotografias das crianças ou das suas famílias expostas ou em álbuns
2. Algumas produções das crianças estão exposta

3.5.1. Reflexão crítica sobre o ambiente físico observado na creche

A Sala Azul tinha luz natural, não apresentava odores desagradáveis, a temperatura era adequada, os objetos que pudessem representar perigo não estavam ao alcance das crianças e as áreas de cuidados corporais e preparação de alimentos são separadas em espaços fora da sala. As normas de higiene estão afixadas na casa-de-banho onde existe água quente para os adultos e produto para lavagem das mãos.

Tendo em conta o período de estágio, não nos foi possível observar de forma direta a rotina de cuidados. Contudo, a Educadora Andreia e a Dra. Carolina Ascensão transmitiram informações sobre estes momentos, que nos parecem adequados às necessidades e cuidados das crianças.

Embora exista espaço para que todas as crianças possam interagir no solo, a organização da sala não é a mais funcional. O mobiliário de arrumação da Sala Azul é à medida das crianças, o que faz com que possam ir buscar brinquedos e o restante à medida dos adultos, onde se encontram os materiais que podem representar perigo. Contudo, não existe nenhum mobiliário à altura dos adultos.

Não nos foi possível observar diretamente nenhum momento de refeição e/ ou sesta na Sala Azul. Embora exista área de cuidados corporais, somente na Sala azul é acessível às crianças. Em todas as salas existe espaço dedicado ao jogo ainda que as áreas não estejam definidas para tal.

Pudemos verificar que na Sala Azul existe espaço para alguns tipos de jogos, como os blocos ou pequenos brinquedos. Esta sala faz uso do parque exterior fechado, que tendo acesso a partir da própria sala, é um dos locais favoritos das crianças, tendo algumas superfícies de amortecimento ainda que não tenha grande diversidade de superfícies e/ou materiais lúdicos (escorregas e carrinhos). Também existem diferentes tipos de brinquedos e materiais – maioritariamente plástico e tecido - existindo a exploração livre dos livros e jogos. Ainda que o tema do Projeto Educativo para o ano letivo 2022/2023 seja “Crescer com a música cruzando culturas”, não há nenhum tipo de instrumento musical disponível na sala.

Na Sala Azul, à exceção das idas ao parque exterior, não há grande variedade de dimensão espacial (subir ou trepar) durante as atividades diárias.

Ainda que em todas as salas existam materiais pessoais das crianças – como garrafas/biberões de água), o seu acesso carece do auxílio de um adulto, por se encontrar em local resguardado e mais alto. Ainda assim, não existem superfícies suaves onde estes se possam aconchegar e o uso de objetos pessoais só é permitido em momentos de transição e ou adaptação. Não há fotografias com os seus familiares, embora existam fotografias do grupo com as educadoras ainda que de anos anteriores.

Por fim, foi possível verificar que os trabalhos realizados pelas crianças eram expostos na própria sala, consoante a época temática e mudados com frequência.

3.6. Creche: Interações facilitadoras adulto-criança

III-A. A criança estabelece um relacionamento prolongado no tempo com os seus educadores

1. Cada criança é cuidada pelo mesmo grupo de educadores, diariamente

2. Cada criança permanece com o mesmo educador ou com o mesmo grupo de educadores durante um ano ou por um período de tempo mais extenso

III-B. As crianças estabelecem relacionamentos de confiança com os seus educadores.

1. Por vezes, as crianças são tocadas, pegadas ao colo e alguém fala com elas sem pressas.
2. Por vezes, as crianças demonstram retirar prazer das suas interações com os educadores.
3. Por vezes, as crianças recebem atenção do educador quando a pedem.
4. Por vezes, as crianças ouvem comentários positivos acerca delas próprias e de outras crianças.

III-C. As crianças interagem em parceria com os seus educadores.

1. Por vezes, as crianças participam em trocas e conversas com os educadores.

III-D. As crianças levam a cabo as suas intenções.

1. Por vezes, as crianças recebem reforços verbais ou prémios pelas suas iniciativas e realizações

III-F. As crianças mais velhas participam na resolução de conflitos sociais.

1. As crianças que se envolvem em conflitos são advertidas relativamente a modos e princípios morais
2. Por vezes, os conflitos das crianças são resolvidos pelos educadores, acompanhados de algumas explicações por parte destes.

3.6.1. Reflexão crítica sobre as interações adulto-criança observadas na creche

O processo de observação participante permitiu perceber que o dia das crianças da Sala Azul é centralizado em torno de um educador responsável, com quem permanecem pelo menos um ano letivo. Também foi possível observar que se estabelece contacto com as crianças, pautado pela harmonia e tranquilidade, quer pelo toque, pelo afeto, pelo colo ou através da fala.

As crianças demonstram retirar prazer das suas interações com os educadores, o que inferimos pela forma como, por exemplo, sorriem, procuram o contacto físico, estendem os braços para que lhes peguemos ao colo. Não só o adulto interage com as crianças atendendo aos seus sinais, descodificando-os e respondendo-lhe de forma ajustada, como também parece

potenciar que este se relacione com as outras crianças e com os adultos. A auxiliar Rita parece-nos ser a figura de referência do grupo de crianças, tendo sido um elemento fundamental na fase de transição entre educadoras da sala e potenciadora do estabelecimento de relações entre o grupo e a nova educadora. As crianças mostravam sinais indicadores de grande afinidade com a mesma, procurando estabelecer o contacto diversas vezes ao longo do período de observação. Contudo, aquando da chegada da nova educadora as crianças não se mostraram “estranhas”, interagindo igualmente com esta. Também nós nos sentimos acolhidas pelas crianças desde o primeiro dia, na medida em que nos chamaram a participar nas suas brincadeiras e jogos, aparentando revelar curiosidade acerca da nossa presença.

Entendemos que a chegada de uma nova educadora à Sala Azul impactou o nosso processo de observação dos indicadores relativos às interações adulto-criança. Contudo, observámos que as crianças eram elogiadas quando correspondiam aos pedidos dos adultos de referência da sala, nomeadamente aquando da colocação da presença no quadro das presenças e no desenvolver de trabalhos, como “Boa! Muito bem!”.

Pareceu-nos que ainda há crianças que procuram com maior frequência o colo e a chupeta e que lhes foi dado colo sempre que necessitaram. Ressaltamos uma criança que está muito dependente do colo da mãe, sendo que a auxiliar da sala acedia ao seu pedido e, aos poucos, à medida que se ia integrando no grupo, ia promovendo a sua autonomia.

No que concerne à gestão de conflitos, segundo Post e Hohmann (2011) sugerem que, idealmente, esta seja abordada da seguinte forma: (1) abordar calmamente às crianças; (2) reconhecer os sentimentos da criança; (3) recolher informação; (4) reformular o problema; (5) pedir ideias para resolução e (6) preparar-se para continuar a dar apoio. No berçário, os conflitos não são observados de forma evidente, uma vez que os bebés se centram, sobretudo, na exploração individual. Nestas circunstâncias, as auxiliares reprendiam as crianças, usando expressões como “Não se bate!”, não procurando uma abordagem diferente, tal como a sugerida por Post e Hohmann (2001).

Os indicadores relativos às interações adultos-criança são os que mais nos surpreenderam pela positiva, e dos que mais valorizamos, por reconhecermos que a interação é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, ajudando-a a posicionar-se face a ela, aos outros e ao mundo e promovendo o estabelecimento de vínculos afetivos.

Contudo, a interação também pode incluir o estabelecimento de limites e regras, o que pode ajudar as crianças a entender o que é esperado delas e a comportar-se de forma adequada, o que nos pareceu que este aspeto esteve presente na Sala Azul.